

# **TRABALHO INFORMAL NA ÁREA DO MERCADO CENTRAL DE ARACAJU**

**SANTOS**, Andréa de Oliveira  
[dedeaoli@yahoo.com.br](mailto:dedeaoli@yahoo.com.br)

**SANTOS**, Henrique Lemos dos  
[henriquelemos33@yahoo.com.br](mailto:henriquelemos33@yahoo.com.br)

**SANTOS**, Luiz Eduardo Ribeiro dos  
[luizeduardoribeiro@yahoo.com.br](mailto:luizeduardoribeiro@yahoo.com.br)

**SILVA**, José Adailton Barroso (Professor orientador)  
Graduado em Geografia, Mestre em Geografia, Prof. do Curso de Geografia:  
Licenciatura Plena da Universidade Tiradentes – UNIT.  
[adailtonbarroso@superig.com.br](mailto:adailtonbarroso@superig.com.br)

## **RESUMO**

O estudo analisa o setor informal na área dos Mercados Centrais de Aracaju, tendo como local de estudo o Mercado Antônio Franco, o Mercado Thales Ferraz e o Mercado Municipal Albano Franco. Com base em aplicação de questionário e entrevistas com 100 trabalhadores informais, foi possível assim, formar uma coleta de dados que fornecesse indicadores sócio-econômicos. Através destas informações constatou-se a baixa qualificação profissional e escolaridade destes trabalhadores refletindo na dificuldade de inserção no mercado formal. Há uma diversidade de produtos de varias localidades do país e até do exterior, como também a cobrança de uma taxa mensal pelo Governo Municipal. Os principais resultados indicam uma relação direta entre desemprego e mercado informal.

**PALAVRAS-CHAVE:** Setor informal. Mercados Centrais de Aracaju. Desemprego. Indicadores sócio-econômicos. Baixa qualificação profissional.

# 1 INTRODUÇÃO

A economia informal, nas últimas décadas, vem obtendo um crescimento acentuado dentro de uma parcela da população economicamente ativa do país. Atualmente o trabalho informal torna-se uma alternativa para grande parte dos trabalhadores de baixa renda complementar sua renda familiar diante do crescente desemprego no mercado formal. A globalização é um fator determinante na exclusão da mão-de-obra da economia, na medida em que dá preferência à minoria de trabalhadores com ampla qualificação técnica, deixando a maioria dos trabalhadores dos países pobres sem emprego, por não possuírem especialização qualificada devido a sua baixa escolaridade. Fato que gera um “exército de reserva” de mão-de-obra trabalhadora a espera de uma oportunidade, mesmo que seja a baixos salários e sem estabilidade.

A mesma globalização que exclui o trabalhador à margem da economia formal dá suporte e fortalece o setor informal ao passo que este utiliza-se dos meios de transferências de mercadorias proveniente da comercialização entre os países, isto verifica-se na grande quantidade de produtos “piratas” importados vendidos nos chamados “shopping populares”. Estes caracterizam-se como sendo espaços criados pelo Estado ou não, onde se concentram os trabalhadores informais para, no horário comercial, efetuarem suas vendas competindo com os comerciantes formais e seus estabelecimentos que contribuem com os impostos diferentemente do setor informal.

Os adultos e mulheres constituem a maioria do contingente de trabalhadores informais, em sua maior parte sem qualificação profissional. Outra característica marcante desse setor econômico é a sua heterogeneidade de atividades distribuída entre os diversos serviços oferecidos como o comércio de confecções, artesanato, produtos culinários, dentre outros. Assim a discussão e pesquisa da economia informal tornam-se cada vez mais relevante

e estimulante devido a sua contemporaneidade e constante dinamismo na economia dos países em desenvolvimento.

No caso do Brasil, e particularmente em Sergipe, não é diferente, o trabalho informal tornou-se a única opção de renda diante da escassez de empregos num mercado de trabalho cada vez mais excludente. Para analisar o setor informal na área dos mercados centrais de Aracaju foram utilizadas as seguintes questões de pesquisa como: Qual o perfil socioeconômico dos trabalhadores informais no Mercado Central de Aracaju? Qual a origem dos produtos comercializados pelo trabalho informal no Mercado Central de Aracaju? Qual a origem do trabalhador informal antes de seu ingresso no comércio? Quais as formas de arrecadação aplicadas pelo governo sobre o setor informal no Mercado Central de Aracaju?

Para responder as citadas questões de pesquisa o artigo possui os respectivos objetivos específicos, analisar o perfil socioeconômico dos trabalhadores informais no Mercado Central de Aracaju, identificar a origem dos produtos comercializados pelo trabalho informal no Mercado Central de Aracaju, identificar a origem do trabalhador informal antes de seu ingresso nesse setor, e identificar as formas de arrecadação por parte do governo sobre o espaço ou produtos vendidos no Mercado Central de Aracaju. Será utilizado como metodologia para alcançar as respostas das questões de pesquisa e objetivos específicos a aplicação de questionários, entrevistas, pesquisas de campo, pesquisas bibliográficas, e a utilização de gráficos e tabelas para melhor descrever esse setor informal do Mercado Central de Aracaju.

## **2 TRABALHO INFORMAL: UM BREVE REFERENCIAL**

Para analisar o setor informal da economia é preciso primeiro conceituá-lo. Atualmente, acerca das discussões sobre o trabalho informal, há uma variedade de sinônimos

utilizados como “setor não-organizado”, “setor não-estruturado da economia”, “sub-emprego”, “setor não protegido”, “desemprego disfarçado”, “estratégia de sobrevivência”, confirmando a existência de visões diferentes e diversas avaliações sobre esse setor.

O termo “setor informal” foi criado pela Organização Internacional do Trabalho (OIT) e utilizado pela primeira vez em 1972, nos relatórios sobre Gana e Quênia, elaborados no âmbito do programa mundial de empregos. Esse relatório descrevia que nessas localidades, mais grave do que o problema do desemprego, era a existência de um grande número de “trabalhadores pobres”, ocupados em produzir bens e serviços sem que suas atividades estivessem reconhecidas, registradas, protegidas ou regulamentadas pelas autoridades públicas. O trabalho informal caracteriza-se por possuir pequenas atividades urbanas, grande competitividade, onde há distinção entre o capital e trabalho, baixa qualificação da mão-de-obra e produção em pequena escala.

O IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) em sua pesquisa sobre a economia informal urbana, realizada a cada 5 anos, abrangendo todos os domicílios situados em áreas urbanas no Brasil, utiliza os critérios referendados pela OIT. Para o IBGE fazem parte do setor informal as unidades econômicas não-agrícolas que produzem bens e serviços para geração de rendimento para as pessoas envolvidas. Pertencem ainda ao setor informal todas as unidades econômicas de propriedade dos trabalhadores por conta própria e com até cinco empregados, moradores de áreas urbanas, sejam elas atividade principal ou secundária de seus proprietários.

O trabalho informal tradicionalmente utiliza sua própria força de trabalho, em alguns casos incorporando a força de trabalho de familiares, é comum na maioria das vezes, a não contratação de trabalhadores assalariados, ocasionando a falta de direitos sociais por parte destes.

No seu livro “O Espaço Dividido” (2004) Santos, cita que o circuito inferior, ou setor informal da economia possui uma apresentação geral:

“As condições de evolução da economia moderna e o enorme peso de uma população urbana com baixo nível de vida, que não pára de aumentar com a chegada maciça de migrantes vindos do campo, acarretam a existência, ao lado do circuito moderno, de um circuito econômico não moderno, que compreende a pequena produção manufatureira, frequentemente artesanal, o pequeno comércio de uma multiplicidade de serviços de toda espécie. As unidades de produção e de comércio, de dimensões reduzidas, trabalham com pequenas quantidades”. (SANTOS, 2004 p.197)

Este cenário bem definido por Santos demonstra o panorama dos países subdesenvolvidos, em especial o Brasil, onde a entrada de uma economia moderna contrastando com o baixo nível de vida da população ocasiona o crescimento de um setor da economia voltado ao abastecimento de uma parcela da sociedade com uma grande variedade de serviços destinados as camadas mais desfavorecidas. Aborda ainda sobre a facilidade de obtenção de trabalho na economia informal:

“O ingresso nas atividades do circuito inferior geralmente é fácil, na medida em que, é mais necessário o trabalho que o capital e como a mão-de-obra é barata, não é difícil começar um negócio. Os empregados, se necessários, são encontrados com facilidade, por que a notícia de oportunidade de trabalho circula rapidamente”. (SANTOS, 2004 p.204)

Para Santos nas cidades dos países subdesenvolvidos, particularmente as que foram atingidas por um êxodo rural maciço, as rendas provém em grande parte de outras atividades que não o salário, reforçando a idéia que a obtenção de outra fonte de renda é imprescindível para aumentar a renda salarial mensal familiar. Santos deixa clara a dependência do setor informal por intermediários quando descreve o seguinte:

“... nos países subdesenvolvidos, a existência de intermediários é a própria condição, a base das possibilidades estruturais de funcionamento da economia. As desigualdades de renda são tais que a economia não poderia funcionar sem isso. Quanto mais pobre é o indivíduo mais ele depende dos intermediários para, se abastecer”. (SANTOS, 2004 p.225)

Ainda para o mesmo autor o emprego familiar é freqüente nas pequenas empresas do circuito inferior, ele permite que se aumente a produção sem que haja a necessidade de se

mobilizar mais capital de giro. Também comenta a respeito do fenômeno da automação quando cita que com o desenvolvimento industrial o número de operários qualificados aumenta mais rapidamente que o dos braços, sendo estes últimos substituídos pelas máquinas:

“O emprego familiar é freqüente nas pequenas empresas do circuito inferior. Ele permite que se aumente a produção sem que haja necessidade de mobilizar mais capital de giro. Apelar para assalariados tornaria a pequena empresa pouco competitiva e a obrigaria a pagar encargos sociais e impostos. Em certos casos, sobretudo quando a demanda é flutuante, a transformação de uma empresa familiar em empresa capitalista acarretaria sua falência”. (SANTOS, 2004 p.219)

Damiani, em “População e geografia” (2004 p.18), comenta que este trabalhador adulto, diante da concorrência, seria pressionado a aceitar formas de exploração de seu trabalho, extensão ou intensivamente mais lesivas. Quanto maior a jornada de trabalho, de um trabalhador particular, menos trabalhadores novos serão empregados, ainda conclui que, além do incremento dos meios de produção, também as formas de exploração do trabalho expulsam trabalhadores do mercado, produzindo uma população miserável, excedente.

### **3 ÁREA DE ESTUDO**

O estudo tem o objetivo de analisar o setor informal nas áreas dos Mercados Centrais de Aracaju, incluindo os Mercados Antônio Franco, Thales Ferraz e o Mercado Municipal Governador Albano Franco.

O Mercado Municipal Antônio Franco (foto 1) construído em estilo eclético é um dos mais expressivos exemplares da arquitetura de mercados preservados do país. O batimento da primeira pedra aconteceu em 05 de fevereiro de 1924, na administração do Dr. Graccho Cardoso, presidente da província de Sergipe e do engenheiro Adolpho Freire de Carvalho, intendente municipal e autor da planta original.

As obras de sua construção foram paralisadas e só retornadas em 09 de julho de 1925. Sua conclusão somente foi possível através do contrato de empréstimo entre o capitalista Antônio do Prado Franco e o novo intendente municipal Hunald Santana Flor Cardoso, obra entregue aos Aracajuanos em 08 de fevereiro de 1926, com algumas modificações no projeto original realizadas pelo Artur Araújo.

O Mercado Tales Ferraz (foto 2) de estilo colonial é hoje um exemplar expressivo da arquitetura de mercados apresentados no país, inaugurado em 26 de Agosto de 1949, juntamente com o Mercado Antônio Franco, passam a formar o Mercado Municipal de Aracaju. Com o resgate da imagem urbana da área central de Aracaju, foi possível retornar a beleza do velho “Mercado” na administração do Governador Albano Franco e o Prefeito João Augusto Gama Filho, resgatando a arquitetura original. Suas obras foram concluídas e entregues a comunidade em setembro de 2000.

Na década de 40 do século passado, com o crescimento da capital, o antigo Mercado “Modelo” Antônio Franco já não comportava o movimento da feira de Aracaju, era então necessário a construção de um mercado auxiliar, o Thales Ferraz. A partir dos anos 70 com a crescente urbanização de Aracaju e crescimento de sua população devido à vinda de migrantes de outros municípios do Estado a demanda por emprego tornou-se cada vez mais acirrada, levando esses trabalhadores a procura por alternativas de trabalho sejam elas formais ou informais. Como a maioria ou quase totalidade dessa mão-de-obra era composta por trabalhadores rurais, expulsos do campo ou flagelados da seca, acabaram encontrando no Mercado Central sua única fonte de renda. Assim a concentração de vendedores informais nas áreas dos mercados foi se acumulando de forma desordenada e rápida, causando transtornos a população como a falta de condições de limpeza, acúmulo de lixo e a descaracterização arquitetônica dos mercados.

Na década de 90 com aumento vertiginoso dos índices de desemprego do país houve um crescimento ainda maior do setor informal como única solução para o trabalhador. A desorganização instalada na feira do Mercado Central e a demanda sempre maior por emprego da população levou a construção, por parte do governo municipal e estadual, do Mercado Municipal Governador Albano Franco (foto 3) que foi construído para dar suporte e abrigar a grande quantidade de vendedores que ali se amontoavam. Foram deslocados para o novo mercado os produtos alimentícios como hortifrutigranjeiros, pescados, carnes, produtos chamados “importados” ou “paraguaizinhos”, confecções, calçados, dentre outros serviços. As obras de sua construção foram concluídas em 1998, na administração do Governador Albano Franco e do Prefeito João Augusto Gama Filho. Segundo o supervisor geral, Arnaldo de Andrade Conceição, o Mercado Albano Franco possui 1985 permissionários, ou seja, trabalhadores informais, vendendo seus produtos em Box distribuídos por setores de acordo com o tipo de produtos comercializado. Segundo Joselito Santos Menezes, supervisor geral, os Mercados Antônio Franco e Thales Ferraz totalizam juntos 305 postos de vendas com uma grande variedade de produtos artesanais (foto 4), em cerâmica, palha, madeira, couro, confecções em geral (foto 5), ervas medicinais, como também produtos da culinária nordestina. É neste cenário marcado pela diversificação de serviços e pelo dinamismo constante de suas atividades, que foi utilizado como área de estudo. Para analisar o setor informal no Mercado Central de Aracaju foram aplicados questionários em 100 entrevistas na 1ª e 2ª semana de maio de 2007, os questionários consistem em 14 itens incluindo questões abertas e fechadas que objetivam a formação de base para os dados sobre as questões de pesquisa.

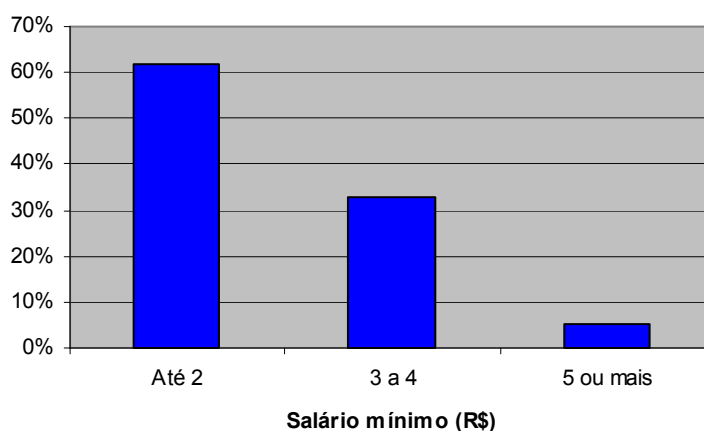


## 4 PERFIL SÓCIO-ECONÔMICO

Nesta apresentação do perfil sócio-econômico dos trabalhadores informais será utilizada para análise o resultado dos gráficos obtidos da aplicação dos questionários. A renda é na maioria das vezes um indicativo de difícil obtenção, devido a pouca disposição dos entrevistados em declará-la e a pequena margem de precisão, já que o total de vendas diárias são variadas, dificultando assim, o cálculo da renda mensal. Este fato não afeta a coleta de dados da pesquisa, pois o objetivo não está ligado a obtenção de uma renda precisa do trabalhador informal e sim utilizá-la como um indicador sócio-econômico.

Conforme o gráfico 01, podemos verificar que 62% dos entrevistados possuem uma renda mensal de até 02 salários mínimos, 33% ganham de 03 e 04 salários, e 5% dos trabalhadores com renda acima de 05 salários mínimos mensais. A análise destes dados demonstram as reduzidas rendas obtidas pelo setor estudado refletindo diretamente, e de forma marcante, na condição social e econômica do trabalhador que tem nesse mercado o único meio de sobrevivência.

**Gráfico 01 - Renda Mensal**

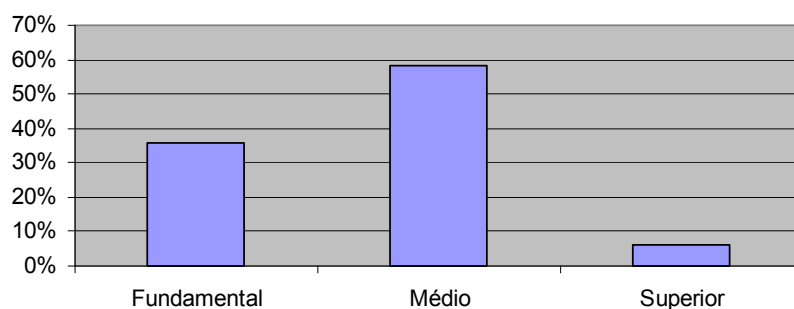


Fonte: Resultados da pesquisa

Quanto ao sexo dos entrevistados, encontrou-se os seguintes resultados, 64% pertencem ao sexo feminino e 36% ao sexo masculino. Refletindo um grande número de mulheres que assumem o papel de chefes de família contribuindo total ou parcialmente no sustento familiar. Fenômeno recorrente das últimas décadas com a saída da mulher em busca do mercado de trabalho.

A escolaridade dos trabalhadores deste mercado pode ser analisada através do gráfico 02, onde observa-se o predomínio de trabalhadores com ensino médio completo 58%, 36% com ensino fundamental completo e somente 6% com ingresso no ensino superior. A análise destes dados demonstra a baixa escolaridade dos entrevistados, haja vista, que num mercado formal cada vez mais competitivo e exigente de uma mão-de-obra qualificada e especializada, somente o ensino médio não oferece boas condições de disputa por um emprego diante de um cenário econômico globalizado e excludente, tornando o setor não formal da economia como única fonte de renda. Seria necessário, para amenizar este quadro, investimentos públicos em acesso a educação técnica e profissional para que este grande contingente de mão-de-obra estagnada torne-se mais capacitado para disputar em pé de igualdade por uma vaga no setor formal. Por último, a minoria dos trabalhadores informais com ensino superior, reflete um quadro preocupante, pois aponta que mesmo pessoas qualificadas e que tiveram acesso a faculdade estão tendo dificuldades em ingressar no setor formal.

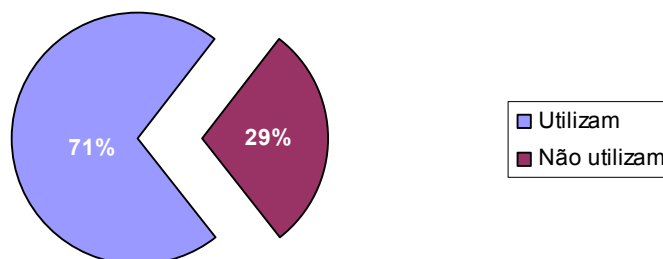
**Gráfico 02 - Nível de Escolaridade**



Fonte: Resultados de pesquisa

No tocante a participação de algum membro da família no setor informal observa-se no gráfico 03, que 71% dos entrevistados utilizam mão-de-obra familiar e que 29% não utilizam. Demonstrando um quadro em que a utilização da mão-de-obra familiar diminui os custos, como a contratação de empregados. Por estas famílias possuírem em média 05 membros, alguns destes acabam servindo como mão-de-obra para ser empregada no pequeno negócio.

**Gráfico 03 - Utilização de mão-de-obra familiar**



Fonte: Resultados de pesquisa

Segundo os resultados da pesquisa observou-se o seguinte: 56% tem o mercado informal como única fonte de renda e 44% tem o mesmo como complemento para sua renda mensal. Estes dados coletados confirmam a importância primordial deste setor para a economia familiar. Quando os entrevistados recebem pensões, sejam elas aposentadorias ou alimentícias, ou possuem outra fonte de renda familiar, mesmo no setor formal da economia, o trabalho informal é utilizado como complemento para aumentar a renda mensal dessas famílias. Confirmando os baixos salários oferecidos por parte dos empregadores em geral.

Através dos resultados obtidos constatou-se os dados a seguir: 82% possuem casa própria contrastando com um perfil de baixa-renda, mas completamente compreensível, já que a maioria destes fixam suas residências em bairros periféricos onde o custo da moradia é acessível ou em construções irregulares nas periferias. Enquanto 18% dos entrevistados não possuem casa própria sendo forçados a alugar um imóvel.

Já com relação a idade há uma presença predominante de jovens e adultos e uma minoria de idosos formando o mercado informal. Fato que confirma a falta de uma política pública eficiente capaz de oferecer vagas no setor formal da economia que absorva esta mão-de-obra excedente. Essa imensa massa de jovens desempregados vêm no “subemprego” uma alternativa. Observando a tabela 01, constata-se a presença de 19% até 19 anos (jovens), 68% de 20 a 59 anos (adultos) e 13% de 60 anos ou mais (idosos).

Tabela 01 – Faixa Etária

	Entrevistados	(%)
Até 19 anos (jovens)	19	19
20 a 59 anos (adultos)	68	68
60 ou mais (idosos)	13	13
Total	100	100

Fonte: Resultados de pesquisa

Como mostra a tabela 02, 37% dos entrevistados estão inseridos nesse mercado de 01 a 04 anos, 23% de 05 a 09 anos e 40% de 10 anos ou mais. Demonstrando que nos últimos 10 anos houve, devido ao crescente desemprego urbano, uma demanda ainda maior por emprego, e um crescente aumento do número de trabalhadores envolvidos neste setor da economia.

Tabela 02 – Tempo de inserção no setor informal

	Entrevistados	(%)
01 a 04 anos	37	37
05 a 09 anos	23	23
10 anos ou mais	40	40
Total	100	100

Fonte: Resultados de pesquisa

Através da análise das informações coletadas torna-se possível traçar um perfil sócio-econômico do trabalhador informal na área dos mercados centrais de Aracaju. Este trabalhador possui uma renda mensal em média de até 02 salários mínimos, utilizando esta como única fonte de renda, em geral possuem casa própria onde residem em média 05 membros familiares estando, alguns deles, ligados a esta atividade. Grande parte é do sexo feminino, jovens ou adultos, com escolaridade técnica profissional de baixa qualidade estando envolvido neste setor informal de 01 a 09 anos.

## **5 ORIGEM DOS PRODUTOS COMERCIALIZADOS**

Quanto à origem dos produtos comercializados, os entrevistados foram questionados durante a pesquisa de campo e revelaram uma origem variada desses produtos. Tanto oriundos do interior do Estado como os municípios de Tobias Barreto (onde ocorre uma feira noturna conhecida como “feira da coruja” onde são vendidas confecções e bordados

dentre outros), Nossa Senhora da Glória, Santana do São Francisco, Lagarto, Simão Dias, Própria. Como do nordeste, vindos principalmente dos estados de Pernambuco (município de Caruaru, feira que movimentava imensa quantidade de produtos para abastecimento do mercado informal nordestino), Bahia, Alagoas, Ceará, e Paraíba. E até de outros países como os produtos eletrônicos vindos do Paraguai (foto 6) onde os comerciantes são acusados de burlar as formas de fiscalização para evitar os altos impostos e assim diminuir os custos. Vale salientar que estes produtos vendidos no Paraguai são “Made in China”, “Made in Taiwan”, ou seja, produtos “piratas” também contrabandeados desses países.

Também quando questionados sobre a presença de intermediários, os entrevistados deixaram clara a sua forte dependência, pois o deslocamento destes de Aracaju para outros centros traz um ônus que recai sobre os trabalhadores deste setor. Santos em “O Espaço Dividido” (2004) traduz o seguinte fato:

“O papel do intermediário modifica-se com a modernização da economia ele é inicialmente um distribuidor de produtos importados e um comprador de produtos exportáveis” (...) “sua importância advém do fato de muitos comerciantes não terem condições de se dirigir diretamente aos produtos rurais nem aos importadores e atacadistas para seu abastecimento”. (SANTOS, 2004 p.225)

Este cenário é traduzido pelos resultados da pesquisa onde 74% admitiam a utilização de intermediários e 26% não utilizavam.

Esta grande diversidade de produtos vendidos alimenta estas transações comerciais, pois o trabalhador, segundo Santos (2004 p.216) se reabastece em pequenas quantidades e todos os dias porque tem necessidade de ter um estoque diversificado num pequeno espaço. Ainda para Santos (2004 p.229) os intermediários tem a função de fornecer o crédito aos comerciantes e artesãos, mais frequentemente em mercadorias, mas também em dinheiro. Em toda parte eles são responsáveis pela ligação entre os produtos urbanos ou rurais e comerciantes da cidade.

## 6 ORIGEM DO TRABALHADOR INFORMAL

Tratando-se sobre a origem do trabalhador informal, os entrevistados foram questionados sobre qual a sua ocupação antes de ingressar nesse setor. E foram obtidos, segundo a tabela 03, os seguintes resultados: 7% são oriundos do setor primário (agricultura), 5% do setor secundário (indústria), 49% provem do setor terciário (comércio e serviços) e 39% nunca trabalharam no setor formal da economia, ou seja, sempre tiveram no subemprego a única forma de trabalho.

Tabela 03 – Setor econômico de origem do trabalhador informal

	Entrevistados	(%)
Setor primário	07	07
Setor secundário	05	05
Setor terciário	49	49
NDA	39	39
Total	100	100

Fonte: Resultados de pesquisa

A análise da tabela demonstra a grande quantidade de mão-de-obra oriunda do setor comercial, já que, é no comércio onde se sustenta a economia sergipana tendo a indústria um papel secundário na geração de empregos. O fato de 39% dos entrevistados nunca terem conseguido ingressar no setor formal, é preocupante, pois revela a falta de políticas públicas na geração de emprego para absorver esta mão-de-obra estagnada.

Nos anos 1990, segundo dados do IBGE, todas as regiões brasileiras apresentaram taxas de desemprego que são, no mínimo, o dobro das verificadas no final da década de 1980. Em 1999 segundo a fundação SEADE e o DIEESE, as taxas de desemprego correspondem a cerca de 20% da população economicamente ativa (PEA) nas regiões metropolitanas. É verificado um crescimento das ocupações denominadas de informais, como um resultado do aumento do desemprego, do processo de redução dos salários, e crescimento dos

trabalhadores sem registro. Estes fatos, somados ao aumento do tempo em que o trabalhador informal permanece desempregado, empurram parcelas cada vez maiores da população para formas alternativas de ocupações, colocando novos problemas a um mercado de trabalho historicamente desigual e excludente. Este cenário representa bem a situação social do trabalhador brasileiro. Quanto maior o nível de desemprego das populações, estas utilizarão estratégias de sobrevivência como alternativas.

## **7 AS FORMAS DE ARRECADAÇÃO APLICADAS PELO GOVERNO MUNICIPAL**

Os entrevistados, quando perguntados sobre a cobrança de taxas pelo governo municipal, deram uma só resposta afirmativa para a questão, confirmando a tendência recente dos governos em tentar minimizar o prejuízo na arrecadação fiscal junto ao mercado informal. Todos os postos de vendas dos mercados Antônio Franco, Thales Ferraz e Albano Franco pagam junto a EMSURB (Empresa de serviços urbanos) uma taxa mensal referente a utilização do ponto comercial. Esta tentativa de regularizar a situação fiscal do trabalhador informal, reflete a incompetência estatal em políticas na geração de empregos que consigam absorver satisfatoriamente esta massa de desempregados. Esta tolerância, por parte do governo, com o subemprego revela a importância do setor não formal da economia, num mercado globalizado e excludente, onde a saída para evitar o caos social e prejuízo fiscal na arrecadação dos impostos do mercado informal, seria a tentativa de regulamentação desse setor, através de cobranças mínimas exigidas dos trabalhadores.

Reforçando a idéia anterior o Estado, para Singer (1997), cria uma quantidade limitada de empregos, pois a maioria dos postos de empregos gerados são de prestação de serviços públicos como: educação, saúde, e segurança. Todavia, com os amplos déficits



públicos, os governos estão cortando seus gastos em folhas de pagamento e, portanto, diminuindo os postos de trabalho.

Ainda para Singer (1997) o setor autônomo vem sendo considerado ultimamente a grande esperança para absorver a grande quantidade de pessoas que estão sendo desempregadas pelos outros setores de acumulação de capital (Estado e empresas capitalistas) ou que nunca conseguiram um emprego.

As alterações no mercado de trabalho estão provocando uma diminuição na oferta de emprego e o crescimento desenfreado dos índices de desemprego, fazendo parte de uma recente realidade social global que afeta não só os países em desenvolvimento, como também, os desenvolvidos. As grandes empresas dão privilégio a uma minoria de trabalhadores que possuem qualificação técnica especializada, só estes trabalhadores conseguem disputar uma vaga num mercado cada vez mais competitivo. Os demais com baixa escolaridade e sem qualificação profissional são descartados pelo mercado formal.

Esse modelo global da economia de mercado que aumenta o número de desempregados acaba sustentando o mercado informal quando este utiliza-se da “pirataria” dos produtos importados provenientes das trocas comerciais, cada vez mais dinâmicas, entre os países.

Desse modo, fica clara, a utilização do mercado informal pelo Estado como válvula de escape de uma conjuntura social conturbada, diante da falta de oportunidade de trabalho. Revela-se também o comportamento do Estado frente a dois problemas: A sonegação fiscal e o desemprego urbano.

## 8 CONSIDERAÇÕES

O artigo analisa o setor informal na área dos mercados Antônio Franco, Thales Ferraz e Albano Franco. Para conseguir responder satisfatoriamente as questões de pesquisa foi utilizado um questionário com perguntas objetivas e subjetivas acerca de vários condicionantes sociais e econômicos, buscando expressar e caracterizar este setor tão importante para a economia popular nas últimas décadas. A análise dos resultados obtidos das entrevistas com os trabalhadores e a análise estatística das respostas conseguidas através do questionário, possibilitou a descrição de um perfil de trabalhador à margem do emprego formal.

É possível, assim, traduzir o setor informal da economia como um trabalho realizado de forma individual ou familiar sustentando a economia dos setores populares, outra característica é a baixa renda mensal, em média 2 salários mínimos, como única fonte de renda familiar. Geralmente os postos de trabalho são ocupados por mulheres chefes de família, jovens e adultas, com baixa capacitação técnica profissional. Os produtos comercializados possuem as mais variadas origens sejam de municípios do próprio estado, ou do restante do nordeste e até do exterior, no caso particular do Paraguai. Havendo a presença marcante da atuação dos intermediários.

O setor terciário da economia é o que mais fornece trabalhadores a esse mercado não formal, pois este é o setor mais desenvolvido em Sergipe, responsável por absorver a mão-de-obra qualificada e ao mesmo tempo por excluir os menos capacitados. É importante ressaltar que a grande parte dos entrevistados nunca tiveram um emprego com carteira de trabalho assinada. O Estado diante do grave problema do desemprego e da sonegação de impostos, vê no setor informal, uma possível solução para amenizar este problema. Fato constatado pela tentativa de regulamentação imposta através da cobrança de pequenas taxas

mensais aos comerciantes. Assim o Estado de uma só vez busca encontrar soluções para um desemprego urbano crônico e uma completa falta de regulamentação sobre o setor informal, com a construção dos “Shoppings populares” ou seja espaços desenvolvidos pelo Governo como forma de geração de trabalho e de maior controle fiscal.

Entende-se, portanto, a economia informal nos mercados centrais de Aracaju como sendo uma estratégia de resistência das camadas populares da sociedade, contra um desemprego crescente e exclusão social gerada por uma globalização econômica mundial.

## **9 BIBLIOGRAFIA**

SANTOS, Milton. O Espaço Dividido: Os Dois Circuitos da Economia Urbana dos Países Subdesenvolvidos. Tradução Myrna T. Rego Viana. – 2. ed. – São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2004.

DAMIANI, Amélia Luisa. População e geografia, 8º ed. – São Paulo: Contexto, 2004. – (Caminhos da Geografia).

SINGER, Paul. Introdução a Economia solidária. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2002.

SCOTT, Maggie. Terceiro ensaio: Emprego e Desenvolvimento Econômico Local, abril 2003, disponível em: <[www.universiabrasil.net/mit/11/11471/PDF/ms\\_paper\\_ass4.pdf](http://www.universiabrasil.net/mit/11/11471/PDF/ms_paper_ass4.pdf)>. acesso em: 16/05/2007.

SILVA, Cristianne Maria Barbosa Carneiro e. O dilema do Estado ante a globalização e a economia informal: Sonegação fiscal ou desemprego?, disponível em: <[www.prim@facie\\_ano1](http://www.prim@facie_ano1), n. 1, jul/ dez. 2002.>. acesso em: 16/05/2007.

## 10 ANEXOS

Foto 1 – Mercado Antônio Franco



FONTE: Andréa de Oliveira

Foto 2 – Mercado Tales Ferraz



FONTE: Luiz Eduardo

Foto 3 – Mercado Albano Franco



FONTE: Andréa de Oliveira

Foto 4 – Artesanato em geral



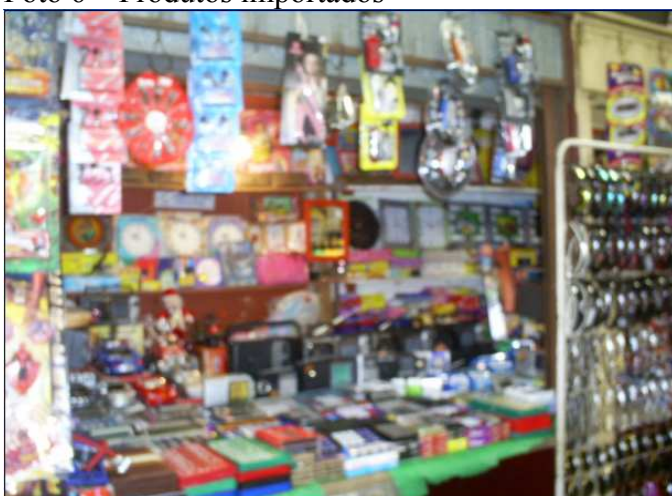
FONTE: Andréa de Oliveira

Foto 5 – Confeções em geral



FONTE: Andréa de Oliveira

Foto 6 – Produtos importados



FONTE: Andréa de Oliveira

**Universidade Tiradentes**  
**Curso de Geografia**

**Questionário**

**Acadêmicos:** Andréa, Henrique e Luiz Eduardo  
**Profº:** José Adailton Barroso

1 - Qual sua renda mensal?

1 a 2 salários mínimos (    )

3 a 4 salários mínimos (    )

5 salários mínimos ou mais (    )

2 - Idade do trabalhador informal?

Até 19 anos (    )            20 a 59 anos (    )            60 anos ou mais (    )

3 - Sexo?

Feminino (    )            Masculino (    )

4 - Escolaridade?

Nível Fundamental (    )

Nível Médio (    )

Nível Superior (    )

5 - Há quanto tempo trabalha no setor informal?

1 a 4 anos (    )

5 a 9 anos (    )

10 anos ou mais (    )

6 - Sua família é composta por quantas pessoas?

---

7 - O trabalho informal é o único meio de renda familiar?

Sim (    )

Não (    )

Caso não qual o outro trabalho?

---

8 - Qual a origem dos produtos vendidos?

---

9 - Existe intermediário?

Sim (    )

Não (    )

10 - Antes do mercado informal onde trabalhava?

Setor Comercial (    )

Setor Industrial (    )

Setor Agrícola (    )

NDA (    )

11 - Possui casa própria?

Sim (    )

Não (    )

12 - Qual o tipo de produto comercializado?

---

13 - Existe arrecadação por parte do governo municipal?

Sim (    )

Não (    )

14 - Algum membro da família está envolvido no trabalho informal?

Sim (    )

Não (    )

Caso sim. Quantos?

---